

Coluna “Ciência e Medicina”: conhecimentos científicos no Jornal das Moças no contexto de liberação da pílula anticoncepcional (1960-1961).

“Science and Medicine” column: scientific knowledge in Jornal das Moças in the context of the release of the contraceptive pill (1960-1961).

Columna “Ciencia y Medicina”: el conocimiento científico en el Jornal das Moças en el contexto del lanzamiento de la píldora anticonceptiva (1960-1961).

Kênia Érica Gusmão Medeiros¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os temas e discursos presentes na coluna “Ciência e Medicina”, do suplemento “Jornal da Mulher” do semanário “Jornal das Moças”. O período analisado corresponde a aproximadamente um semestre antes do lançamento da pílula anticoncepcional um ano depois. Este texto tem como intuito discutir o tipo de discurso científico veiculado pelo jornal, durante um período em que a ciência chegou a uma das conquistas com maior impacto social para a vida das mulheres. Desse modo, o texto busca analisar que tipo de conteúdo foi publicado como sendo supostamente de interesse e valor para as mulheres e sua vivência em sociedade.

Palavras-chave: Mulheres; Jornal das Moças; Ciência e Medicina; Pílula anticoncepcional.

Abstract: This article aims to analyze the themes and discourses present in the column “Science and Medicine” of the supplement “Jornal da Mulher” of the weekly newspaper “Jornal das Moças”. The period analyzed corresponds to approximately one semester before the launch of the contraceptive pill a year later. This text aims to discuss the type of scientific discourse conveyed by the newspaper, during a period in which science reached one of the achievements with the greatest social impact on women's lives. Thus, the text seeks to analyze what type of content was published as being supposedly of interest and value to women and their experiences in society.

Key-words: Women; Young Women's Newspaper; Science and Medicine; Birth control pill.

Resumen: Este artículo analiza los temas y discursos presentes en la columna “Ciencia y Medicina” del suplemento “Jornal da Mulher” del semanario “Jornal das Moças”. El período analizado corresponde aproximadamente a un semestre antes del lanzamiento de la píldora anticonceptiva un año después. Este texto busca discutir el tipo de discurso científico transmitido por el periódico, durante un período en el que la ciencia alcanzó uno de los logros con mayor impacto social en la vida de las mujeres. Así, el texto busca analizar qué tipo de contenido se publicó como supuestamente de interés y valor para las mujeres y su experiencia en la sociedad.

Palabras clave: Mujeres; Jornal das Moças; Ciencia y Medicina; Pastilla anticonceptiva.

¹Doutora em História (UFG). Professora curso de Ciência Sociais Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Formosa, GO. <https://orcid.org/0000-0002-1364-9517>. E-mail: keniaerica.gm@gmail.com.

Introdução

A invenção da pílula consistiu num enorme feito científico que impactou significativamente a vida das mulheres sexualmente ativas nos anos 60 e também das gerações seguintes. Estes impactos não foram apenas de natureza individual, mas também passaram a influenciar o planejamento e os arranjos familiares, na escolarização e no mercado de trabalho. Enfim, a possibilidade de evitar a gravidez causou grandes mudanças nos costumes das mulheres e na própria organização social das décadas posteriores ao seu surgimento.

Este texto tem como objetivo analisar os discursos presentes na coluna “Ciência e medicina”, do suplemento “Jornal da Mulher” do semanário “Jornal das Moças”, publicação brasileira de circulação nacional e destinada ao público feminino². O “Jornal das Moças” começou a circular em 1914 e durou até meados dos anos 60. Em seu primeiro exemplar, o Jornal das Moças trouxe como promessa editorial, trazer às mulheres brasileiras, “os conhecimentos humanos” e “conhecimentos úteis que instruem”. Nas análises realizadas para este artigo, são contemplados exemplares do Jornal das Moças publicados no ano de 1960 e exemplares publicados até meados de 1961, um ano após o lançamento do contraceptivo.

Apesar da publicação ter como público alvo, as mulheres, além das leitoras mulheres casadas, mulheres solteiras, donas de casa, estudantes, professoras, costureiras e mães, enfim, uma enorme variedade de identidades dentro do público feminino, Carla Pinsky argumenta que: “ a revista passa pelas mãos de toda a família, homens e crianças também a leem” (Pinsky, 2014, p.24). A problemática principal que norteia este texto consiste em investigar a abordagem da coluna sobre ciência e medicina, acerca de debates e progressos científicos que aconteciam no mundo, especialmente, o surgimento da pílula.

Coluna “Ciência e Medicina”

O semanário “Jornal das Moças” era distribuído por assinaturas e também vendido em bancas de todo o país. O periódico era bastante popular e colocava-se de acordo com Carla Pinsky, “a serviço dos bons costumes” (Pinsky, 2014, p.24). Ao longo de décadas de publicações com circulação nacional, o jornal, promovia a ideia de que o casamento e a

² Todas as edições analisadas neste artigo estão disponíveis na página da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. *Link* de acesso: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>

maternidade seriam os destinos naturais das mulheres, incentivando meninas e jovens a sonharem e imaginarem a vida conjugal como símbolos de realização e sucesso para mulheres. Na época de 1960 o jornal contava com um suplemento, chamado “Jornal da Mulher”. O suplemento integrava a parte final do jornal e continha colunas sobre assuntos diversos e principalmente modelos de vestidos e bordados para roupas de bebês, toalhas e etc.

Como antecipado na introdução, uma das colunas de presença esporádica do suplemento “Jornal da Mulher”, era a de “Ciência e Medicina”, que comumente sucedia ou antecedia a coluna “Evangelho das Mães”. Ao lado da coluna, dividindo a página, sempre havia a foto de uma modelo usando roupas da última moda, abaixo, uma legenda descrevendo a elegância da peça. A coluna abordava seus temas de modo pouco profundo, dessa maneira, os assuntos e notícias vinculados pela coluna sobre os temas ciência e medicina, alinhavam-se a um projeto editorial que tinha como mote o reforço de uma concepção de feminilidade tradicional e pouco crítica.

Devido à popularidade e à grande circulação da revista, é possível supor que o ideal de ciência e medicina defendido pela coluna influenciou as representações sociais partilhadas na época sobre estes mesmos termos. Já são clássicas na historiografia, as teses que defendem a sensação de aceleração temporal causada pelas muitas e constantes inovações científicas e tecnológicas do século XX, nesse sentido, o campo da medicina foi profundamente afetado por novidades e descobertas frequentes. A concepção da coluna “Ciência e Medicina” de algum modo parece se alinhar com uma necessidade de informar seu público acerca destas tantas novidades da medicina. Mas, a despeito do título, a coluna não se distanciava tanto dos objetivos de sua seção vizinha, “Evangelho das Mães”.

A coluna “Ciência e Medicina” foi especialmente dedicada aos assuntos maternos, sobretudo, aos medicamentos que pudessem ajudar as mães a manterem a saúde, o crescimento e o desenvolvimento dos filhos. O Jornal das Moças tinha como público alvo as mulheres e as que fossem mães, evidentemente, também eram leitoras ambicionadas, já que a maternidade era a suposta vocação natural feminina. Compreender essa leitora imaginada, é importante para que se possa auscultar os sentidos dos textos publicados, pois, como argumenta Alberto Manguel, em reflexão sobre invenção da escrita, o ato de escrever cria sempre concomitantemente, um leitor:

Mas escrever não é o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão: uma outra criação aconteceu no mesmo momento. Uma vez que o objetivo do ato de escrever era que o texto fosse resgatado - isto é, lido-, a incisão criou simultaneamente o leitor, um papel que nasceu antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física (Manguel, 1997, p.207)

As sociedades modernas precisavam de que as mulheres fossem educadas e informadas de modo que pudessem contribuir com os valores desse mundo em desenvolvimento. Uma “nova mulher, submetida à tutela dos conhecimentos científicos e higiênicos” (Matos, 2018, p.65). Para este intento, deveriam ajudar a educação formal e a informal, assim como a imprensa dedicada ao público feminino, que com seu viés pedagógico e normativo, teria papel importante neste processo, “desenvolveu-se todo um esforço para a construção da ‘maternidade científica’, articulando diferentes forças sociais, como médicos, dentistas, escolas, ações públicas e a própria mídia” (*Ibid*,p.65).

Saúde das crianças, novos remédios e suplementos alimentares são assuntos recorrentes no período analisado, o que demonstra que o jornal compreendia as leitoras, sobretudo, as possíveis mães, como consumidoras e agentes de saúde que precisavam ser informadas e convencidas das vantagens de determinados produtos. O direcionamento desse tipo de discurso às mães coadunava com o imaginário social predominante da primeira metade do século, segundo o qual as mães seriam agentes necessários para a promoção da saúde pública. Nas palavras de Maria Izilda Santos de Matos:

A informação feminina tornou-se essencial, pretendia-se por meio da mulher atingir toda a família. Propalava-se a necessidade de impor uma profilaxia antimicrobiana aos lares, cabendo à esposa-mãe zelar pela saúde e bem-estar dos membros da família, ampliando sua responsabilidade como dona de casa no controle dos mandamentos e hábitos de higiene, principalmente em relação às crianças (Matos, 2018, p.65)

Em 1960, a primeira aparição do ano da coluna foi no dia 04 de fevereiro. Dividindo página com duas fotos de modelos utilizando vestidos à moda da época, a palavra “descoberta”, inferindo uma ideia de novidade, foi utilizada para apresentar dois novos medicamentos. O primeiro, um novo antibiótico, segundo a coluna, mais eficaz. Ao longo deste texto, inclusive, ficará evidente como os antibióticos, sobretudo, o DMCT tiveram destaque na coluna. Antibióticos mais fortes e ou combinados, contra bactérias cada vez mais resistentes, foram protagonistas de várias edições da coluna, que de alguma forma, conclamava as mulheres, donas de casa e mães, a serem agentes nessa guerra contra inimigos invisíveis que poderiam estar em seus lares.

DMCT: O MAIS PODEROSO ANTIBIÓTICO JÁ DESCOBERTO

Segundo os cientistas da Universidade de Harvard, uma das mais importantes dos Estados Unidos, o novo antibiótico DMCT é duas vezes mais poderoso que a tetraciclina. O Dr. Maxwell Finland, uma autoridade mundial! em antibióticos, e seus

assistentes, os drs Hans A. Hirsch e Calvin M. Kunin, falaram sobre suas experiências diante de mais de dois mil cientistas presentes ao Sétimo Simpósio Anual e Antibióticos. Essa droga, a demetilclortetraciclina (DMCT) é o mais novo membro da família de tetraciclina que inclui (*sic*) alguns dos antibióticos mais largamente utilizados pela medicina, o DMTC, desenvolvido pelos Laboratórios Lederle da *Cyanamid Internadonal*, está sendo vendido somente nos Estados Unidos, mas, dentro em breve, será distribuído por todo o mundo.

O segundo medicamento é um comprimido de carbimido de cálcio, que de acordo com o texto do jornal, combinado com assistência médica, propiciaria a cura para o alcoolismo, já que tornaria o indivíduo incapaz de tolerar o álcool. O passo a passo foi claro e com a indicação inclusive do nome do medicamento. Uma mulher que lesse a coluna poderia, caso sofresse com alcoolismo, fazer uso do remédio, mas devido aos padrões de comportamento da época, bastante rígidos para as mulheres, seria mais provável que a coluna sugeriria o remédio para uma esposa aflita e que quisesse ajudar o marido. A responsabilização da mulher pelos cuidados com a saúde e o bem-estar de toda a família, incluindo questões como o alcoolismo, é inferida pela coluna.

O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA QUE PODE SER CURADA

Um dos maiores problemas mundiais de saúde não é causado nem por um vírus nem por uma bactéria, mas sim por uma garrafa. Recentes pesquisas revelaram que o alcoolismo, ou seja, o vício pelo álcool, tem aumentado em várias partes do mundo. Esse mal, além de causar tragédias individuais, concorre para prejudicar a produtividade nacional, o que chamou a atenção das autoridades em todo o mundo, que crêem que essa doença pode ser curada [...] Os primeiros passos para a cura do alcoolismo seguem duas direções diferentes, mas podem ser utilizadas simultaneamente. A primeira é continuar com os conselhos, quer por psiquiatras, médicos, assistentes sociais ou por uma associação com os Alcoólatras Anônimos [...] Na segunda, entra o uso de ajudas químicas, cuja mais recente descoberta é o carbimido de cálcio. Dipsan. O Dipsan, como outras drogas anteriormente desenvolvidas para ajudar o alcoólatra, torna o paciente incapaz de tolerar o álcool em mínima quantidade, reforçando dessa maneira, sua determinação de não beber, principalmente no período inicial (Jornal das Moças, 04/02/1960).

O texto se apoia num imaginário dominante, que assente que os remédios seriam uma solução eficiente para um problema extremamente complexo, o vício em álcool. Ainda que a coluna reconheça a importância de uma abordagem multidisciplinar para o problema, incluindo tratamentos psíquicos, o título sugere uma ideia clara de “cura”. O leitor ou leitora inicia o texto com essa informação e espera durante a leitura, a revelação de como essa “cura” poderia ocorrer, o que acontece no desfecho é a sugestão do medicamento, assim o remédio é anunciado como um produto que pode devolver ao doente que sofre com um vício, a harmonia de sua vida, pois:

O desprazer, o incômodo, o cansaço, o mal-estar, enfim, qualquer negação que se interponha a uma vida de infinitos prazeres deve ser rapidamente aniquilada. Os indivíduos se tornam cada vez menos tolerantes diante de qualquer ameaça de desconforto. E, é justamente nesse contexto, que os medicamentos são anunciados como mercadorias propiciadoras de prazer, para que os indivíduos possam aproveitar intensamente todos os momentos da vida. Os remédios, no imaginário popular, se tornam subsídios para que os indivíduos possam viver melhor todas as situações de seu cotidiano (Dantas, 2009, p. 573).

A coluna foi seguida por mais modelos de vestidos e de bordados, inclusive, para roupas de bebês e panos de prato, todas essas seriam peças que pela linha editorial do jornal, seriam de interesse feminino. No número do dia 11 de fevereiro, a coluna “Ciência e Medicina” também trouxe novidades sobre medicamentos, um para angina e outro para artrite reumática. Os textos sobre remédios apresentados no suplemento, como evidenciado na transcrição acima, costumavam trazer o nome comercial do produto e às vezes o laboratório. A publicação do dia 18 de fevereiro trouxe na abertura do suplemento “Jornal da Mulher”, uma matéria biográfica bastante elogiosa sobre um médico homeopata. Na coluna “Ciência e Medicina” uma matéria sobre antibióticos mais fortes, incluindo as vantagens de seu uso pediátrico. Conselhos para alimentação das crianças e sobre a saúde da pele dos adolescentes também estiveram presentes em meio aos modelos de vestidos e bordados.

ANTIBIÓTICOS COMBINADOS COMBATEM BACTÉRIAS RESISTENTES

O desenvolvimento de organismos resistentes aos antibióticos, um dos mais sérios problemas dos hospitais de hoje, pode ser sensivelmente retardado, com o uso de antibióticos combinados oleandomicina e tetraciclina, declaram os cientistas a. M. Torre e L. Saldana, do Hospital de Montevidéu, durante o Sétimo Simpósio Anual de Antibiótico [...]. Num grupo de vinte e quatro pacientes com moléstias pulmonares, observou-se melhores (*sic*) em dezoito crianças logo no dia seguinte ao início do tratamento com a sigmamicina. Três dias depois, vinte crianças estavam sem febre, e o restante melhorou com a aplicação antibiótica (Jornal das Moças, 18/02/1960)

DMCT AJUDA TAMBÉM OS PEDIATRAS

Um cientista japonês, o doutor Riochy Fujii, da Universidade de Tóquio, declarou que um novo e poderoso antibiótico é muito eficaz no tratamento de certas doenças infantis, que a tetraciclina, o antibiótico de largo espectro mais utilizado pela medicina. O cientista realizou vários testes, num período de dezoito meses, em cerca de 309 crianças sofrendo de várias moléstias pediátricas, incluindo escarlatina, pneumonia, bronquite, diarreia infantil e inflamação das amídalas. [...] O DMCT, desenvolvido pelos cientistas dos Laboratórios Lederle da *Cyanamid Internacional*, foi administrado aos pacientes em duas doses, com uma diferença de doze horas, no tratamento com a tetraciclina, os pacientes receberam quatro doses diárias. As informações sobre os estudos do dr. Fujii foram dadas durante uma conferência sobre antibióticos, assistida por mais de mil técnicos no assunto (Jornal das Moças, 18/02/1960)

O texto em sua integridade, assim como o trecho supracitado, faz uma entusiasmada defesa do DMCT, consta ainda detalhes sobre uma metodologia aplicada em testes com o

medicamento e também referência a uma conferência onde os resultados teriam sido apresentados, não há informações sobre data ou local em que esse evento teria acontecido. Ainda no mês de fevereiro, mais precisamente, no dia 25, a coluna dedicou-se a informar as leitoras sobre as novidades em inseticidas para pragas das lavouras de batatas e também sobre novos antibióticos eficazes para sífilis, novamente o jornal trazia conteúdo sobre pesquisas internacionais que indicavam que o uso combinado de antibióticos seria solução para várias doenças.

Em 03 de março os temas foram antibióticos para combater a desnutrição infantil e a descoberta de quatro novos agentes anticancerígenos. A coluna sugere que, de acordo com um médico, seria recomendada a adição de terramicina à dieta de crianças mal-nutridas. A terramicina é um medicamento com ação antibiótica e anti inflamatória, que pode apresentar efeitos adversos, mas a coluna indica a incorporação do medicamento à dieta, ou seja, recomenda um uso contínuo. Ainda que em trecho não transcrito, a coluna pondere que são necessárias mais pesquisas, o texto reforça uma ideia que medicamentos, sobretudo, antibióticos, podem resolver qualquer problema de saúde infantil. Novamente, a leitora mãe é levada a crer que precisa estar atenta às novidades vendidas pela indústria farmacêutica, para cuidar bem de suas crianças. O consumo de medicamentos é inferido como um fundamento para uma infância saudável.

RECOMENDADA A TERRAMICINA PARA CRIANÇAS DESNUTRIDAS

Washington , D.C (Western News) - Um médico brasileiro, ex-diretor do Departamento Municipal da Criança e do Adolescente do Rio de Janeiro, sugeriu a adição do antibiótico terramicina à dieta das crianças mal-nutridas. O dr. Otávio Ângelo da Veiga, presente ao Sétimo Simpósio Anual de Antibióticos, recentemente realizado nesta cidade, declarou que o desenvolvimento de um produto contendo esse antibiótico "poderia provar ser a solução para um grande número de crianças com crescimento retardado". A terramicina conhecida quimicamente como oxitetraciclina, foi descoberta pela Pfizer, a firma farmacêutica internacional, em 1949 [...] (Jornal das Moças, 03/03/1960)

Em 10 de março o assunto abordado foi o uso de esteroides para tratar asma. Em 17 de março a coluna não esteve presente no jornal e em 24 de março a coluna retornou noticiando a imunização em massa contra poliomielite nos Estados Unidos. Em 31 de março a coluna ocupou-se de noticiar um novo medicamento para depressão. Após algumas semanas ausente, a coluna voltou em 21 de abril tratando sobre o uso da noradrenalina para tratamento de doenças cardíacas. Quatro assuntos foram abordados em 28 de abril: uma máquina coração-pulmão, o estudo das células do corpo, o início do uso do creme dental com flúor na Suécia e o surgimento

de nova técnica de cirurgia cardíaca. Como pode ser notado, no período compreendido entre março e abril, os temas foram variados, mas persistiram as indicações de medicamentos.

Em 05 de maio, as indicações continuaram e foi abordada a utilização de uma nova droga, a nialamida, para tratamento da depressão e da neurite. Depois de semanas ausente, a coluna novamente retornou em 02 de junho e o destaque foi para a importância da decoração correta no combate às alergias. Em 09 de junho os antibióticos voltaram a ser tema. O uso do leite desnatado para curar ulcerações e os malefícios do fumo foram assuntos abordados no dia 16 do mesmo mês, nesta mesma edição a coluna foi seguida por um artigo avulso sobre problemas causados pela presença de moças nas universidades, a distração causada por elas nos rapazes, seria o motivo por altas taxas de reprovação em exames. O número de 23 de junho trouxe ponderações acerca da relação entre poluição e bronquite e as novas aplicações para um novo tipo de papel:

NOVAS AMPLIAÇÕES PARA O PAPEL USADO

Muita gente costuma guardar pedaços de barbante, enquanto que outras juntam jornais velhos, papéis de embrulho e sacos de compras. Todo esse material guardado pouca ou nenhuma utilização terá, os barbantes formando um rolo cada vez maior e os papéis indo acabar nas mãos do comprador de rua. Tudo isso está mudando, pois o papel está mudando também. [...] A reutilização do papel em capas de livros e cadernos escolares, moldes para roupas de senhoras e, por incrível que pareça, em chamarizes para serem usadas durante a estação de caça aos patos. Com ou sem moldes, o número de coisas que podem ser feitas com esse novo papel é limitado somente pela engenhosidade da dona de casa. Aventais, babadores para bebês, decorações festivas, roupinhas para bonecas, estojo para lápis, descansos para copos e capuzes para crianças em dias de chuvas são algumas das pequenas coisas que podem ser criadas com o novo papel. Em algumas partes do mundo, onde os materiais de construção são escassos, o papel à prova d'água poderá ser utilizado também como cobertura para paredes e em casos extremos, para teto (Jornal das Moças, 23/06/1960)

Na década de 60 ainda não se falava em reciclagem, mas a citada reutilização do papel remete a algo próximo a essa prática. O texto defende a ideia de que com a novidade de um papel à prova d'água torna-se atribuição da dona de casa criar novos usos e objetos a partir de sua reutilização. A maioria dos objetos mencionados no texto como possíveis de serem produzidos por elas, relacionam-se com afazeres domésticos ou com o cuidado com os filhos. O molde para vestidos para si também está presente na lista, a publicação de moldes de costuras, assim como, a propaganda de cursos de corte e costura eram comuns no jornal. Outro ponto a ser destacado é que o jornal frequentemente incentivava que as mulheres soubessem ser econômicas na administração do lar, logo, a reutilização seria uma contribuição nesse sentido. O jornal ensina sobre a submissão econômica e a resiliência para com as decisões do marido sobre o orçamento familiar, cabendo à esposa a obediência e a adoção de estratégias de economia doméstica. Desse modo, a reutilização de materiais seria capacidade desejável no que

tange ao conjunto de prendas domésticas a ser cultivado pelas esposas. Sobre este assunto Carla Pinsky argumenta que:

A lição que fica para os leitores, porém, é a necessidade de colocar certas mulheres no seu “devido lugar”, no caso, o da dona de casa conformada (e satisfeita) com o que o homem considera bom para ela e a família. Nos Anos Dourados é comum ler e ouvir que as mulheres, em geral, são “gastadeiras”, adoram comprar, têm enormes despesas com futilidades, bobagens da moda, etc. Esse perfil está presente principalmente nas piadas, mas também, mais discretamente, em vários artigos das revistas femininas. Em decorrência da imagem de “gastadeira”, surgem a da “interesseira”, que se casa por dinheiro, e a da “exploradora”, que esfolia economicamente o marido, todas essas imagens negativas, em última instância, por meio da censura ou do riso, colaboram para desqualificar e controlar os gastos femininos (PINSKY, 2014, p.227)

Novamente os antibióticos, juntamente com a vacina contra poliomielite e o sarampo, foram os objetos apresentados em 14 de julho. Como de costume, a coluna “Ciência e Medicina” veiculava assuntos que, por adesão ao imaginário tradicional, seriam preocupações das pessoas responsáveis pelos cuidados com os filhos, as mães. Os textos informavam sobre o começo da imunização oral contra a poliomielite em crianças na Suécia e a produção de uma vacina eficaz contra o sarampo no Japão. No Brasil, a vacinação contra a poliomielite começou cerca de um ano depois, em julho de 1961 e a vacinação contra o sarampo em 1968. Uma semana depois, em 21 de julho, o conteúdo foi um hormônio para tratar asmáticos. Em 28 de julho a coluna falou sobre uma preocupação exagerada das pessoas com os efeitos da energia atômica e uma suposta consequência na saúde mental da população.

Até aqui foi apresentada uma síntese dos resultados das análises dos exemplares do ano de 1960 anteriores ao dia de lançamento da pílula anticoncepcional, não foram encontradas na coluna “Ciência e Medicina”, nenhuma referência a qualquer pesquisa sobre uma droga que pudesse inibir a ovulação. No dia 18 de agosto, a pílula anticoncepcional foi liberada nos EUA e no Brasil a coluna “Ciência e Medicina” fez sua primeira aparição no referido mês, noticiando que supostos peritos em cromática anunciavam os benefícios do uso da cor azul em diversos contextos da vida. A coluna sobre ciência e medicina de uma publicação dedicada às mulheres não trouxe sequer uma palavra sobre uma novidade científica que poderia revolucionar a vida delas. Chama atenção ainda, nesse exemplar de 18 de agosto, um pequeno texto avulso, que apareceu na sequência da coluna, intitulado “Crescei e multiplicai-vos”:

“CRESCER E MULTIPLICAI-VOS”

Ao que parece **na civilização moderna somente os ratos ouvem o conselho que dá título a essas linhas**³. Assim é, para desgraça da humanidade. Os ratos são tão reprodutores que seria possível um casal de ratos possuir, aos três anos de idade, uma prole de trezentos e cinquenta milhões de descendentes. Como devem ganhar bem os oficiais de registro civil no país dos ratos!

E talvez não haja déficit no orçamento da despesa do mesmo com o salário-família. (Jornal das Moças, 18/08/1960)

O que pode parecer apenas um desabafo ácido em relação ao crescimento desordenado da população de roedores causadores de prejuízos e doenças, infere também um tipo de desobediência das outras espécies em relação ao conselho bíblico. Não há nada no exemplar que evidencie ou prove a relação entre este texto e o lançamento do contraceptivo, mas não deixa de ser intrigante a coincidência da data com a ironia sobre os ratos serem a única espécie a seguir o conselho bíblico. Cabe ressaltar ainda que de acordo com o IBGE, o Brasil apresentou na década de 1960, taxa de fecundidade de 6,28 filhos⁴, número superior a 6,21 filhos, índice da década anterior, índice que não ajuda a explicar qualquer preocupação com as taxas de natalidade. Ainda na edição do dia 18, os textos avulsos do suplemento “Jornal da Mulher”, apresentaram reflexões sobre os temas: viagem à Lua; a melhor maneira de lavar roupas de seda; o uso das flores do pessegueiro para limpeza de pele e a recepção de visitas.

No dia 25 de agosto, edição publicada sete dias após o lançamento do primeiro remédio que inibe a ovulação, a coluna “Ciência e Medicina” trazia novamente o antibiótico DMCT e o tema a nutrição de bebês. Novamente, nenhuma menção ao lançamento da pílula anticoncepcional, o remédio que poderia propiciar uma mudança radical não apenas para a sexualidade feminina, mas para a organização dos arranjos familiares e posteriormente para a dinâmica do próprio mercado de trabalho.

PEQUENAS DOSES DE DMCT COMBATEM A BRUCELOSE

Experiências recentemente realizadas vieram a demonstrar que um novo antibiótico, além de ser mais potente, causa menos efeitos secundários que a tetraciclina, o antibiótico de espectro mais largamente utilizado pela medicina.[...] As dosagens menores, disse o médico mexicano, fazem com que os pacientes sofram menos dos efeitos secundários, principalmente diarreia e desarranjos estomacais [...] (Jornal das Moças, 25/08/1960)

³ Grifos meus.

⁴ Dados disponíveis em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>.

ESTATÍSTICAS RECENTES REVELAM AUMENTO DE PESO NOS ATUAIS RECÉM-NASCIDOS EM COMPARAÇÃO COM OS DE 40-50 ANOS ATRÁS

Os recém nascidos suecos pesam, em média, atualmente 150 gramas a mais, e são 5 cm mais altos do que os recém-nascidos de 40-50 anos atrás, revelam investigações efetuadas por intermédio da Direção Geral de Saúde Pública da Suécia [...] (Jornal das Moças, 25/08/1960)

Nos dois temas, o jornal se fez valer de artifício comum na coluna, o uso de autoridades científicas estrangeiras. Essa estratégia parece tentar inculcar nas leitoras a ideia de que a coluna está atualizada em relação ao que acontece no mundo. No caso do texto sobre a nutrição de bebês, o jornal, como de costume, oferece dados pouco detalhados sobre pesquisas que pouco tinham a ver com a realidade brasileira. No início da década de 60, o país tinha inflação alta e grande parte da população sofria com algum nível de insegurança alimentar. A obra clássica de Carolina Maria de Jesus, "Quarto de despejo: diário de uma favelada", publicada originalmente no ano de 1960, evidencia a realidade de tantas mães e suas crianças no Brasil do início da década de 60. Nas palavras da autora:

Antigamente era a macarronada o prato mais caro (*sic*). Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona (*sic*)! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou (*sic*) foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá (Jesus, 2014, p.37)

As palavras de Carolina, publicadas no ano anterior, relatam as dificuldades de muitas famílias pobres para comprarem alimentos. Já no suplemento "Ciência e Medicina", a questão alimentar era abordada, sobretudo, pelo apelo comercial lançado sobre as possibilidades de antibióticos e suplementos. Em 01 de setembro de 1960, a alimentação voltou a ser tema, mas dessa vez com a inusitada estatura dos pigmeus sendo abordada, para o final do texto, ser indicado um novo suplemento alimentar rico em aminoácidos e capaz de estimular o apetite das crianças. Mais uma vez são invocados os cientistas estrangeiros para o texto informativo.

A INFLUÊNCIA DA ALIMENTAÇÃO NA ESTATURA DOS PIGMEUS

Nova York (Western News) — Os pigmeus da África Equatorial, provavelmente os menores homens do mundo, devem sua estatura, segundo técnicos em nutrição, mais à pobre alimentação que a fatores de hereditariedade [...] Uma boa quantidade de proteínas do tipo que os cientistas chamam de "alta qualidade" é de importância capital para a alimentação normal [...] Os cientistas aprenderam, nos últimos anos, como produzir alguns aminoácidos que podem ser adicionados a cereais, convertendo-os nu alimento rico em proteínas. Por outro lado, os pesquisadores (*sic*) dos Laboratórios *Lederle da Cyanamid International* desenvolveram um suplemento alimentar denominado "Incremin", que provou ser eficaz para estimular o apetite e

melhorar a nutrição de crianças e pessoas idosas que, embora possam dispor de bons alimentos, não têm uma nutrição adequada. O "Incremin" contém o amino-ácido (*sic*) lisina, juntamente com três vitaminas B para aumentar o apetite. Recentes estudos vieram a provar que a combinação, além de estimular o apetite de crianças subnutridas, ajuda os convalescentes idosos a fazer em sua dieta um uso melhor de proteínas. Todos cientistas concordam plenamente que uma boa alimentação é o melhor meio para se obter boa saúde e um crescimento adequado, embora deles tenha ainda garantido que um quilo de carne por dia transforme um pigmeu em gigante (Jornal das Moças, 01/09/1960)

A matéria que começa tratando da estatura de uma etnia, se desdobra na constatação sobre a importância da alimentação e é seguida pela indicação de um medicamento que supriria carências na alimentação. O texto faz uma correlação direta e temerária entre subnutrição infantil e falta de apetite. A afirmação de relação causal entre medida de fome e subnutrição, pode ser bastante problemática, já que as necessidades nutricionais possuem inúmeras variáveis. O texto afirma ainda que o medicamento ajudaria “convalescentes idosos” a terem um maior aproveitamento de proteínas. “Convalescentes idosos” também é uma condição pouco específica, para que se determine que o referido medicamento seja administrado.

Ainda nessa primeira edição de setembro, a coluna “Ciência e Medicina” foi seguida pela coluna “Evangelho das Mães”, que ao tratar da beleza das crianças, outra tarefa da maternidade de acordo com o jornal, deu de certo modo, continuidade ao assunto da alimentação. Apesar do tema ser a beleza das crianças de ambos os sexos, recaiu sobre o cuidado com a aparência das meninas uma maior ênfase.

A BELEZA DAS CRIANÇAS

Não devem as mães cuidar do embelezamento de seus filhos? Pensamos que devem. Quando vemos **uma menina descuidada**, ainda que lhe sejam desprezados os atos de higiene básica ou, então, se nos apresenta uma criança excessivamente enfeitada e ornada de um modo que não corresponde à ideia de frescor e espontaneidade (*sic*) infantil chegamos à conclusão de que deve haver um meio termo quando se trata do embelezamento das crianças [...] A silhueta da criança é um detalhe de estética e de beleza que **a menina** deve ignorar, mas que a mãe deve executar. Muitas crianças gordas que como tais, têm **tendência para ser uma mulher de peso excessivo, podem ser reduzidas a proporções naturais** [...] (Jornal das Moças, 01/09/1960)⁵

O texto trata diretamente da beleza da menina, afirmando que as mães devem ter atenção com a silhueta. Apesar do termo “crianças gordas”, a continuação do texto deixa claro, que trata-se das meninas, já que coloca como consequência da referida característica a tendência para serem mulheres com excesso de peso. Ao final, indicam que essas meninas com o cuidado das mães podem ser “reduzidas a proporções naturais”. Pelo exposto, é clara a cobrança lançada

⁵ Grifos meus.

MEDEIROS, Kênia E. G.

Coluna “Ciência e Medicina”: conhecimentos científicos no Jornal das Moças no contexto de liberação da pílula anticoncepcional (1960-1961)

no corpo de mulheres e meninas e também sobre as mães, que teriam o dever de adequarem os corpos de suas filhas aos padrões de beleza impostos.

Em 09 de setembro de 1960 o assunto da alimentação novamente voltou a ser tema da coluna “Ciência e Medicina” e uma nova autoridade médica internacional trouxe legitimidade aos argumentos apresentados pela coluna. A coluna tratou como sinônimos, falta de apetite e anorexia, sobretudo em crianças. Ao final do texto o suplemento já mencionado na edição do dia 01 de setembro voltou a ser indicado como solução científica.

NOVA YORK (*Medical News*)

Uma das queixas mais comumente ouvidas pelos médicos de todas as partes do mundo é a mãe aflita que confessa: “Doutor, não sei explicar o motivo, mas a verdade é que o meu filho não quer comer, a despeito de todos os meus esforços”. O médico equatoriano Dr. Vailarino Donoso, autoridade no assunto, calculou que mais de 60 por cento dos casos observados em seu consultório de pediatria são motivados pela anorexia, termo médico para a falta de apetite e sua consequente perda de peso [...] Uma nova arma destinada a auxiliar o médico no combate à doença da falta de apetite é um complemento especial, produzido pelos cientistas dos Laboratórios *Lederle da Cyanamid International*. Esse novo produto contém o amino-ácido (*sic*) lisina, bem como certas vitaminas B que estimulam o apetite (Jornal das Moças, 08/09/1960)

Continuando com as edições do mês de setembro de 1960, na edição do dia 22, o texto da coluna “Ciência e Medicina”, teve como título “Leis para os retardados mentais”, o texto abordou a promulgação de uma lei no Japão, de proteção às pessoas com doenças mentais e uma já existente para pessoas que o jornal definiu como “portadores de defeitos físicos”. Fechando o mês de setembro “Ciência e Medicina” tratou deixou de lado por um tempo, as novidades da indústria farmacêutica e abordou o recenseamento da população brasileira, o texto procura garantir a abrangência do recenseamento e deixa evidente a representação comum à época, que opõe, de modo hierárquico, o conceito de civilização aos modos de vida de alguns povos originários.

FOI BEM PREPARADO O SERVIÇO NACIONAL DE RECENSEAMENTO PARA O VII RECENSEAMENTO GERAL

O Serviço Nacional de Recenseamento realiza um inventário geral de todas as realidades nacionais, operação que será a sétima no Brasil. A primeira, foi realizada em 1872. Em 1890 e 1900, como naquele ano, foram feitas contagens da população nacional, em caráter sumário e com os recursos técnicos da época. A partir de 1920, o Recenseamento abrangeu, além da população, os setores agrícola, e industrial[...] Já está em fase final o programa preparatório da próxima campanha censitária a realizar-se no ano vindouro. O Censo Demográfico de 1960, como o de 1950, abrangerá duas pesquisas distintas: a de população e a de habitação. Vários tópicos serão investigados por meio de método de amostragem. Todas as pessoas presentes no território nacional estão sendo recensadas (*sic*), sejam ou não residentes no domicílio em que se encontrem, bem como os moradores que se acham temporariamente fora de suas respectivas residências. Somente não serão recensadas os selvícolas (*sic*) que vivem arredios, ao contato dos civilizados, bem como os tripulantes e passageiros que se

encontrem a bordo de navios e aviões estrangeiros em trânsito pelo território nacional (Jornal das Moças, 29/09/1960)

Em 06 de outubro a coluna trouxe a opinião de um cientista dinamarquês sobre os males do alcoolismo, tanto para a saúde do indivíduo, quanto para a sociedade. A coluna também trouxe uma notícia sobre um protetor auditivo para situações em que possa haver danos causados por sons intensos, a coluna informava ainda que a novidade havia sido testada e aprovada pelas Forças Aéreas da Suécia. A edição do dia 13 não contou com a coluna “Ciência e Medicina”, que voltou dia 20 e novamente priorizou o tema da saúde infantil. A guerra contra as bactérias continuava recrutando mães, que deveriam ser conhecedoras dos perigos invisíveis e entusiastas das soluções medicamentosas.

UMA NOVA SULFA EFICIENTE NUMA ÚNICA DOSE DIÁRIA

Londres —Uma nova forma da primeira arma química moderna contra as doenças - a sulfa - mostrou-se eficiente, numa única dose diária, no tratamento de doenças bacterianas comuns de crianças. A eficiência da dose única apresenta duas vantagens importantes, para o paciente e para o médico, de acordo com um cientista britânico, que realizou estudos com a droga-sulfametoxipiridazina - no hospital infantil Royal Belfast. A primeira destas vantagens, relatada pelo Dr. R. Wallace na revista médica “The Practitioner”, é que são observados menos efeitos colaterais tais como náuseas e vômitos, em crianças tratadas com sulfametoxipiridazina, do que naqueles que receberam uma sulfa mais antiga, sulfadimidina [...] (Jornal das Moças, 20/10/1960)

A notícia sobre o lançamento de uma vacina oral tipo Sabin contra paralisia infantil chama atenção nesta mesma edição. Desde o final da década de 40 o cientista Jonas Salk se dedicava à produção de uma vacina contra a poliomielite, já na década de 50 Albert Sabin também se esforçava para chegar ao mesmo objetivo. Salk conseguiu produzir uma vacina que se provou segura e eficaz e foi aplicada em crianças norte-americanas. A vacina de Salk continha o vírus inativo e “enganava” o sistema imunológico fazendo-o gerar anticorpos. Já Sabin, utilizou a estratégia do vírus atenuado, ou seja, vivo, mas enfraquecido, sendo capaz de gerar uma resposta de defesa do sistema imunológico. A vacina de Salk foi aprovada em 1955 e começou a ser utilizada nos EUA, o cantor Elvis Presley tomou a vacina diante das câmeras de televisão, a fim de incentivar a imunização. Quando a vacina de Sabin que era oral e tinha menor custo de produção estava pronta para testes, boa parte da população dos EUA já estava vacinada e por isso o cientista firmou parceria com a União Soviética para testes entre 1958 e 1959. A vacina Sabin além de tudo era mais fácil de aplicar e acabou se alcançando sucesso e sendo a opção de vários países.

No Brasil a vacina Salk foi introduzida ainda na década de 50, mas a imunização ocorria: “[...] por intermédio de alguns pediatras e em vacinações de amplitude muito reduzida, promovidas por secretarias estaduais e municipais de Saúde, basicamente do Rio de Janeiro e

MEDEIROS. Kênia E. G.

Coluna “Ciência e Medicina”: conhecimentos científicos no Jornal das Moças no contexto de liberação da pílula anticoncepcional (1960-1961)

em São Paulo.” (Campos, 2003, p.586). A versão em gotas foi adotada oficialmente em julho de 1961. Entretanto, a vacinação não era uma política pública consolidada, a vacina era aplicada em decorrência de surtos pontuais e não como forma precaução. Somente na década de 80, estratégias de vacinação em massa, incluindo as campanhas com o Zé Gotinha, foram adotadas.

A PFIZER LANÇARÁ VACINA ORAL TIPO SABIN CONTRA PARALISIA INFANTIL

Nova York — Os laboratórios Pfizer anunciam hoje que pedirão ao Serviço de Saúde Pública dos E.U.S. (*sic*) permissão para o uso, no país, da vacina contra poliomelíte, do tipo Sabin, produzida nos laboratórios da Companhia na Inglaterra. A atitude da Pfizer segue-se à declaração de que aquele organismo governamental adotou o vírus de Sabin como padrão de manufatura, assim dando ensejo ao uso da vacina oral anti-pólio (Jornal das Moças, 20/10/1960)

A leitura dos trechos transcritos reforça a impressão de que o jornal define, majoritariamente, como assuntos científicos que possam ser de interesse das mulheres, as preocupações com a saúde as crianças, incentivando as leitoras a comprarem sempre os mais novos antibióticos e suplementos, a fim de agirem como verdadeiras agentes de saúde do lar. Também transparece com frequência a ideia de que as mulheres/mães, dessa época deveriam estar atentas aos avanços da ciência e de uma vida moderna repleta de descobertas e invenções.

A edição de 27 de outubro não teve a coluna “Ciência e Medicina”, entretanto, a coluna “Evangelho das mães” abordou diferentes tópicos sobre saúde das crianças, como por exemplo, trouxe o conselho para as mães de crianças diabéticas, que de acordo com o texto, não deveriam estudar muito.

CRIANÇAS DIABÉTICAS

As crianças diabéticas não devem estudar muito, e se lhes deve evitar, de qualquer modo, as emoções fortes e os desgostos tão frequentes na vida escolar. O exercício moderado, pela favorável influência que exerce, deve ser praticado. Esta parte os pais podem e devem cumprir muito mais em proveito das crianças do que os médicos (Jornal das Moças, 27/10/1960)

Na mesma edição, a coluna “Mundo” trouxe um texto sobre a saúde da mulher, assunto que, no período analisado, não aparece diretamente na coluna “Ciência e Medicina”. O texto adverte as leitoras para a importância de gestar uma vida e como isso se relaciona com a estatura feminina, houve ainda uma afirmação sobre possibilidade de serem mais altas caso imitassem os homens.

PORQUE AS MULHERES SÃO MAIS BAIXAS QUE OS HOMENS

"Em média, as mulheres são dez centímetros mais baixas que os homens e em algumas raças a mulher mais alta chega a igualar o homem mais baixo" — diz uma revista de estudos científicos feminina — "A diferença _ considerável e, à primeira vista, parece uma verdadeira inferioridade física, mas a verdade é que na mulher **as forças de crescimento se orientam em direção distinta que no homem**". Segundo informa a revista, durante trinta anos a mulher é capaz de criar outros organismos além do seu. **Enquanto o homem permanece um, a mulher deve ser múltiplice**. A partir da puberdade, ela encerra reservas consideráveis em previsão de outra vida. **Quando não concebeu, perde todos os meses uma quantidade de cálcio trinta vezes superior à que se encontra em circulação em seu sangue**. CONSIDERAÇÃO IMPORTANTE "É muito provável que, se não fosse por essa economia estritamente dirigida em função da maternidade, as mulheres seriam tão altas como os homens" — informa o órgão científico e eminino apreço — "pois enquanto não estão em idade de conceber, entre os onze e os quatorze anos, elas são, às vezes, mais altas e mais pesadas que os rapazes. Estes voltam a recuperar sua vantagem quando nas moças um hormônio freia, mediante sua ação sobre as cápsulas supra-renais, a multiplicação das células". E esclarece: "As suecas, que são de todas as europeias as formadas mais tardiamente — dezessete anos — são, também, as mais altas".

OBSERVAÇÃO CURIOSA Respondendo à pergunta "Por que as mulheres são mais baixas que os homens? A publicação feminina a que nos referimos diz o seguinte: "Observa-se, igualmente, que quanto mais as mulheres copiam os homens em sua maneira de viver, tanto mais se atenuam as diferenças de estatura", frisando que em fins do século passado a francesa média chegava a 1,54 metros, sua estatura média era 1,57 em 1911, e hoje alcança a 1,60. "Este aumento de talhe o deve, entre outras coisas, à maneira de vestir-se, que já não impede seus movimentos, e ao fato de levar uma vida muito mais ativa que antigamente" — afirma a revista (Jornal das Moças, 27/10/1960)⁶

7

Os trechos grifados demonstram como a maternidade era defendida como questão de dever e até mesmo de saúde para as mulheres. O texto indica como o corpo das mulheres destina-se de modo natural à maternidade, fica implícita a ideia de que caso não sejam mães, seus corpos estão em uma "não conformidade" com a natureza, ou seja, ser mãe seria uma questão inclusive de saúde. Essa talvez seja a estratégia fundamental do patriarcado, pois como argumenta Patou-Mathis:

A atribuição do papel de mãe à mulher, sua redução a essa função biológica, o direito de dispor do seu corpo e controlar sua sexualidade constituem a base dos sistemas patriarcais e descrevem uma relação profundamente paradoxal e coercitiva com a mulher (Patou-Mathis, 2011,p.69)

Depois de outubro de 1960, a coluna tornou-se cada vez mais esporádica, nas edições em que não apareceu, outras colunas e textos avulsos do suplemento "Jornal da Mulher", trouxeram assuntos como, medicamentos para tuberculose; a arte de ser esposa; as jovens que

⁶ Grifos meus.

⁷ Grifos meus.

se casam com homens maduros; os homens só amam de verdade aos 40; cirurgia de redução de altura em uma mulher na Suécia, dentre outros. Após algumas edições ausente, a coluna voltou no número do dia 08 de dezembro com o tema sobre a descoberta que o gerbil, animal dos desertos da África e do Oriente Médio, poderia ser utilizado em pesquisas sobre doenças cardíacas.

Já no ano de 1961 em 12 de janeiro a coluna voltou, novamente tratando sobre a vacina contra o sarampo. Depois, apareceu em 02 de fevereiro com a questão do flúor na água para beber visando o tratamento de cáries e ainda com a notícia da criação de um radar óptico para pessoas cegas. As cáries dentárias, apesar de não serem um problema exclusivo da infância, consistiam em um dos problemas mais comuns a serem enfrentados pelas mães no cuidado com a saúde das crianças.

ADICIONAMENTO DE FLÚOR À ÁGUA DE BEBER PODE DIMINUIR 60% DAS CÁRIES DENTÁRIAS

As experiências realizadas para descobrir o efeito do flúor na água de beber, como meio de combate às cáries dentárias, que vêm tendo lugar na cidade de Norrköping desde 1952, estão, agora, quase concluídas e têm proporcionado resultados muito promissores, conforme artigo aparecido no diário Svenska Dagbladet, de Estocolmo. Assegura-se terem sido estas as investigações mais extensas desta classe já verificadas no mundo, e os resultados serão expostos no congresso (*sic*) da organização europeia para estudo do flúor em face das cáries, em Londres, em 1961. Enquanto que o trabalho prático foi realizado por autoridades médicas e odontológicas (*sic*) de Norrköping, o estudo científico sobre o material foi feito na Real Escola de Odontologia de Malmö pelos professores Sven SeiIman e Arvid Syrrist. Um interessante detalhe foi a averiguação da possibilidade de se reduzir o tratamento dos dentes das crianças. Atualmente, cerca de 60% de todos os meninos suecos de 7 a 14 anos, são tratados pelo Serviço Odontológico Público. Aproximadamente 80% de todos os meninos de 7 anos sofrem de cáries dentárias (Jornal das Moças, 02/02/1961)

No dia 09 de fevereiro, o desenvolvimento de bebês prematuros foi o destaque. O texto afirma que “mães solteiras” têm bebês prematuros com mais frequência. O termo “mãe solteira” foi por muito tempo uma forma de classificar mulheres, em função da não adesão ao casamento tradicional. Engravidar solteira, considerado nos anos 60, um “mau passo”, tornava a moça, uma “perdida” aos olhos da sociedade, esse deveria ser um comportamento evitado e recriminado, desse modo, a coluna utiliza um discurso científico, como de costume, citando um especialista estrangeiro, para realizar sua pedagogia de advertência.

OS BEBÊS PREMATUROS TÊM POSSIBILIDADE NORMAL DE DESENVOLVIMENTO

As crianças de nascimento prematuro, passada a primeira semana crítica de sua vida — quando o risco de morte é frequentemente maior que o dos bebês normais — têm exatamente as mesmas probabilidades de desenvolvimento que os outros, conforme a tese do Dr. Eric Gedda, Gotemburgo. A tese confirma o fato já conhecido de que as

mães solteiras ou muito jovens, são as que com maior frequência têm bebês prematuros. BEBÊ SUECO CONSOME 80 LATAS DE ALIMENTAÇÃO INFANTIL É provável que o mercado sueco de alimentação enlatada para crianças — de exploração industrial — aumente muito para o futuro, possivelmente até, em condições que favoreçam à exportação desse produto, disse o periódico sueco *Stockolms Tidningem* em estudo recente. Atualmente, um bebê sueco consome 80 latas de alimentação infantil em seu primeiro ano de vida nas cidades de Estocolmo, Gotemburgo e Molmo o índice é de 180 — enquanto que o bebê norte americano consome 500 latas durante o mesmo período (Jornal das Moças, 09/02/1961)

Em 11 de maio, mais uma novidade do mundo da medicina em constante progresso, a novidade da vez foi um adesivo para fechamento de incisão cirúrgica que prometia substituir com enorme eficácia e praticidade, os pontos com linha e agulha. De maio de 1961 até meados de agosto do mesmo ano, a coluna não voltou a ser publicada.

Os significados da ausência da pílula na coluna “Ciência e Medicina”

Durante décadas, esforços de cientistas de diferentes nacionalidades, ocorreram para que houvesse o desenvolvimento da primeira pílula anticoncepcional. Na década de 50, testes que hoje podem ter seus critérios éticos questionados, foram realizados em mulheres de Porto Rico e do Haiti (Silva, 2017, p.24). Em 1960 a primeira pílula anticoncepcional, o Enovid, começou a ser comercializada nos Estados Unidos, mas a compra deveria ser realizada com receita médica. A recepção ao uso do medicamento, bem como, sua comercialização, foram ocorrendo de maneiras distintas em diferentes países. Cabe ressaltar que a Igreja Católica foi contra o uso do método considerado artificial, influenciando assim, a opinião de muitas pessoas pelo mundo. No Brasil, o contraceptivo começou a ser comercializado no ano de 1962. De acordo com Pinky (2015), antes da pílula, na década de 50, as mulheres, especialmente as de classe média e alta, faziam o controle de natalidade por meio do sistema Ogino-Knauss, mais conhecido como tabelinha, de preservativos, do coito interrompido e outros métodos considerados naturais.

Como já mencionado, as análises realizadas para este texto, contemplaram os exemplares de 07 de janeiro de 1960 a 18 de agosto de 1961, um ano após o início da comercialização da pílula nos EUA. Apesar da ampla divulgação de medicamentos pela coluna durante o recorte temporal compreendido nas análises deste artigo, não foi feita qualquer referência à pílula contraceptiva. As mulheres, donas de casa mãe, leram sobre diversas questões de saúde e sobre novidades da medicina moderna, mas não encontraram nenhuma palavra sobre o funcionamento de seu ciclo reprodutivo e como uma nova droga poderia inibir

uma gravidez, propiciando assim, novas perspectivas de planejamento familiar e vivência da sexualidade.

É bem possível que essas leitoras tenham ficado sabendo da pílula por meio de outros veículos de comunicação ou por outras pessoas, mas o silêncio sobre o assunto num jornal popular por oferecer conselhos para as mulheres sobre o namoro, o casamento, vida conjugal e maternidade, também guarda significados. Porque o jornal não noticiava uma novidade como essa? Que questões podem ter motivado o silêncio? Será que havia o temor de o anticoncepcional ser perigoso? Seria por acaso, considerado prática imoral que iria contra o conselho do primeiro capítulo do Gênesis, “crescei e multiplicai-vos” 1:28? Haveria uma preocupação sobre uma possível liberdade sexual para mulheres solteiras?

A pílula anticoncepcional foi utilizada por pessoas saudáveis e com uma finalidade social, passou a estar relacionada com uma questão de “estilo de vida” (Silva, 2017, p.24). A possibilidade de planejamento familiar para além dos fins reprodutivos representou uma revolução na vida das mulheres daquele presente histórico e também das gerações futuras. Essas possibilidades eram novidades para todas as mulheres do mundo, portanto, não seria difícil imaginar que muitas mulheres pudessem ter interesse em saber sobre essa conquista científica. Como argumenta Débora Diniz, as mulheres da primeira “geração pílula” receberam a novidade com interesse na possibilidade de planejar quantos filhos teriam e quando viriam, a ideia de uma liberdade sexual ainda não era o interesse dominante.

Para a maioria das mulheres da chamada primeira “geração da pílula” nascidas entre 1940 e 1959), a chegada do anticoncepcional não foi vista pura e simplesmente como “conquista revolucionária” ligada à liberdade sexual. Seu uso por parte das mulheres era tido mais como algo necessário para o planejamento do número de filhos e, ao mesmo tempo, como um perigo à saúde por conta dos seus efeitos colaterais (Diniz, 2016, p.317)

Como discutido neste artigo, a coluna intitulada “Ciência e Medicina”, durante os meses que antecederam e os que sucederam a liberação comercial de um remédio que poderia mudar drasticamente o planejamento familiar, bem como, a relação das mulheres com sua própria sexualidade, não fez qualquer menção ao assunto. Ainda que no Brasil, a pílula anticoncepcional só tenha começado a ser comercializada em 1962, seria coerente que uma coluna sobre ciência e medicina, que habitualmente publicava novidades da medicina mundial, informasse suas leitoras sobre o assunto. No entanto, nas edições analisadas para este artigo, ficou evidente a preferência da coluna por alguns tópicos, dentre eles, novos medicamentos, sobretudo, antibióticos, novas vacinas e suplementos alimentares, tudo por meio de uma argumentação supostamente validada por opiniões de médicos estrangeiros.

Tendo o jornal um perfil de defesa de valores tradicionais da família, não seria bem uma surpresa que a novidade aparecesse sendo debatida ou mesmo criticada. A estratégia, contudo, foi o silêncio. Em outros veículos de comunicação como por exemplo, o Jornal do Brasil e até mesmo a Revista Claudia, também destinada ao público feminino, fizeram menções ao anticoncepcional. Cabe lembrar que a Revista Claudia também publicava conselhos para mulheres adotando uma perspectiva bastante tradicional de papéis sociais definidos em função do gênero. Para Eni. P. Orlandi a política do silêncio é o silenciamento e o silêncio tem significados (Orlandi, 2007). Nas palavras da própria autora:

Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida a retórica do oprimido (a da resistência). E tem todo um campo fértil para ser observado: na relação entre índios e brancos, na fala sobre a reforma agrária, nos discursos sobre a mulher [...] (Orlandi, 2007, p.29)

Desse modo, o silêncio de um veículo de comunicação tão popular sobre um tema tão relevante, ainda que polêmico para o contexto histórico da época, significa uma política adotada por uma mídia, uma política de silenciar o que poderia ser utilizado pelas mulheres em mais um passo rumo à emancipação individual e coletiva. Em contraposição ao silenciamento acerca da informação sobre uma revolução na vida reprodutiva das mulheres, é perceptível a idealização da leitora/mãe, à ela as informações científicas deveriam chegar e por ela deveriam ser aplicadas nos domínios do lar, assim, donas de casa e mães, estariam cumprindo seu papel na medicalização da sociedade. Dessa forma, a análise da fonte permitiu a percepção da ocorrência de um reforço do imaginário de um tempo impulsionado pelo progresso científico e de muitas novidades no campo da medicina e da saúde, ao mesmo tempo em que a grande descoberta da medicina para a vida feminina não se torna um assunto desse mesmo discurso sobre progresso científico e medicamentos. O silenciamento sobre um tema tão importante acerca da sexualidade e do planejamento familiar, fazia parte do imaginário que defendia uma maternidade compulsória, destino inquestionável e inevitável das mulheres felizes.

A coluna “Ciência e Medicina” omitiu de suas leitoras essa conquista tão revolucionária para a vida das mulheres, pois era um meio midiático para a defesa de valores tradicionais. Atualmente, o espaço nas mídias para informações e reflexões sobre a saúde da mulher, seus direitos reprodutivos e sobre o seu próprio corpo, ainda é atravessado por *tabus* e pela perspectiva patriarcal. A falta de acesso a esse tipo de informação restringe a cidadania feminina. Cabe ainda dizer que o silêncio também pode ser político.

Transformações sociais e desafios que persistem

Em mais de meio século que se passou, o perfil das mães mudou, porque as expectativas e representações sobre o feminino, bem como, relações de gênero mudaram. Cada vez mais mulheres entendem que a maternidade não deve ser aceita como compulsória, mas deve ser uma escolha pensada levando-se em consideração diversos fatores, essa transformação pode ser percebida inclusive nas estatísticas, já que a taxa de fecundidade no Brasil divulgada pelo IBGE em 2024 indica média de 1,57 filhos por mulher⁸, número bem distante dos 6,28 filhos de 1960.

A representação social da relação das mulheres com a ciência, evidentemente, também mudou. Durante boa parte do século XX, as mulheres cientistas, nas mais diversas áreas do saber, eram excepcionalidades em campos dominados por homens. O acesso à educação mudou, assim como os currículos mudaram, de acordo com Rosemberg (2016) a equivalência entre cursos secundários frequentados por homens e por mulheres só ocorreu com a LDB de 1971. Dados de 2023 mostram que no Brasil as mulheres já são maioria no ensino superior, outro indício importante dessa mudança é que de acordo com a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), entre 2014 e 2017, no Brasil foram publicados cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% são assinados por pesquisadoras mulheres.⁹ E atualmente, as mães cientistas, mulheres que enfrentam condições de produção específicas e desafiadoras, têm se organizado para apresentar suas demandas junto às instituições de pesquisa. Artigos, livros, grupos de trabalho e páginas na internet já existem com o tema das mães cientistas. A Lei Ordinária nº 14.925/2024, assinada em 17 de julho de 2024, dispõe sobre a prorrogação dos prazos de conclusão de cursos ou de programas para estudantes e pesquisadores da educação superior, em virtude de parto, de nascimento de filho, de adoção. Como pode se notar, hoje, a representação acerca da relação das mulheres com a ciência foi totalmente ressignificada em função de transformações sociais e culturais.

⁸ Dados disponíveis no site Agência IBGE Notícias. Link de acesso: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41056-populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041#:~:text=Destaques,1%2C57%20filho%20por%20mulher.>

⁹ Dados disponíveis em reportagem da Agência Brasil. Link de acesso: <https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil>

Sobre as informações acerca de contraceptivos e direitos sexuais e reprodutivos, evidentemente houve avanços significativos, entretanto, ainda existem grandes desafios. Ainda hoje, 65 anos depois da primeira pílula anticoncepcional ser liberada, ainda é insuficiente o acesso das mulheres brasileiras a informações claras e seguras sobre contracepção. Com tantos métodos contraceptivos hoje existentes e disponíveis no mercado, pode parecer que atualmente as mulheres já conhecem com propriedade os meios de evitar uma gravidez indesejada, já foram suficientemente educadas e informadas sobre o assunto.

Mas essa mulher informada, empoderada e com acesso ao conhecimento e aos métodos contraceptivos, apesar de existir, não é uma identidade grande parte das mulheres com vida sexual ativa, é antes de tudo, um ideal a ser buscado e como argumenta Joan Scott: “[...]onde há evidência do que parece ser identidade perene e imutável, existe uma história que precisa ser explorada (Scott, 2024, p.101)”. Logo, a história das mulheres do tempo presente e suas lutas por seus direitos sexuais e reprodutivos, bem como pela soberania sobre seu próprio corpo, ainda tem muitas páginas a serem escritas.

De acordo com dados do SUS de 2023, 44 bebês nascem por hora no Brasil, filhos de mães adolescentes, o que demonstra a importância de ações de toda a sociedade, Estado, escolas e mídias, para informar e educar para a vivência da sexualidade de maneira segura. Cabe ainda ressaltar que a educação para a prevenção de gravidez e ISTs também deve ser ofertada aos meninos, que também tem responsabilidade sobre contágio de doenças, bem como sobre um possível filho.

De acordo com reportagem da CNN em 2024, entre janeiro e o início de novembro, o SUS distribuiu cerca de 22,3 milhões de unidades de contraceptivos, entre eles, o mais procurado foram comprimidos orais Etinilestradiol + levonorgestrel (0,03 + 0,15)mg, blister com 21 comprimidos (pílula combinada). De acordo com o Ministério da Saúde, os métodos anticoncepcionais são escolhidos de acordo com a preferência do paciente do SUS, que obtém informações sobre o funcionamento de cada um durante uma consulta individual.

Uma notícia de setembro de 2024 publicada no site da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), informa que cerca de 62% das mulheres entrevistadas afirmaram ter experimentado pelo menos uma gestação não planejada. Sobre a dificuldade em prevenir a gestação, 34% disseram “não fazer o uso do método”, 27% apontaram “falha do método” e 20% o “uso de maneira errada”. A notícia veiculada pela associação médica, destaca ainda que a importância do planejamento familiar vai além da simples prescrição de um contraceptivo, é preciso que as pessoas tenham acesso às informações. Ainda há dificuldade de acesso a informações confiáveis e específicas sobre a saúde da mulher e o

funcionamento do ciclo reprodutivo e de métodos contraceptivos. Assuntos como menstruação e menopausa, ainda ganham pouco espaço nas mídias. As redes sociais, é verdade, têm ajudado a divulgar conhecimentos sobre estes temas, bem como, naturalizar os debates, mas ainda é comum que mulheres desconheçam o próprio corpo, assim como, os benefícios, o funcionamento e os efeitos colaterais de tratamentos aos quais se submetem.

Considerações finais:

Conhecimento e ignorância também fazem parte dos jogos de poder presentes nas relações de gênero. As análises realizadas demonstram que a coluna “Ciência e Medicina” foi um meio utilizado, inclusive, pela autoridade de discursos supostamente comprometidos com o avanço da ciência para o reforço de estereótipos que definem a maternidade como destino natural e necessário para todas as mulheres. Também contribuiu para o que, como anteriormente citado, Matos (2018) definiu como “maternidade científica”, ou seja, a consolidação das mães como agentes de saúde familiar, assumindo como sua responsabilidade, a deflagração de guerra contra microrganismos invisíveis e contra a desnutrição, com a ajuda das novidades da indústria farmacêutica.

Em contraposição a essa proliferação de temas que articulavam a maternidade e a saúde, não fizeram parte da coluna “Ciência e Medicina” informações sobre o corpo e os ciclos reprodutivos da mulher, bem como sobre o novo medicamento capaz de inibir a ovulação, apesar de como demonstrado, a seção tratar frequentemente de novidades farmacêuticas. Como discutido, essa ausência tem significados históricos relacionados ao controle do corpo e do comportamento feminino. A dominação masculina dá-se também pelo saber e a cada tempo histórico as mulheres, são socializadas para acreditarem, conhecerem, e acreditarem em discursos que favorecem a conservação de uma ordem patriarcal, ainda que esta, tenha atualmente, uma rica coleção de disfarces.

Pela investigação realizada conclui-se que historicamente os silenciamentos e omissões sobre o corpo e a sexualidade femininas, têm sido ressignificados e os objetos e meios utilizados para a continuidade da opressão às mulheres são variados. As fontes utilizadas pelas historiadoras e historiadores que se dedicam a este campo são múltiplas, o próprio “Jornal das Moças” já foi contemplado em muitas pesquisas. Ainda assim, com tantos anos de publicação semanal, ainda estão abertas muitas possibilidades de investigação dessa revista que atuou

fortemente no reforço de imaginários patriarcais, bem como, na produção da fantasia do casamento como forma de sucesso incontestável na vida de uma mulher.

A noção de ciência da coluna investigada esteve intimamente ligada à ideia de “novidade” e da valorização dos experimentos e da opinião estrangeira. Mais do que qualquer outro assunto ou solução, os remédios foram o grande destaque sobre os quais as mulheres deveriam estar informadas, sobretudo, os que se relacionassem com alguma questão da saúde infantil. Não se pretende aqui uma negação da identidade materna enquanto perspectiva legítima para o feminino e o feminismo, contudo, ainda é preciso historicizar as estratégias de redução do papel social das mulheres à reprodução e criação dos filhos, assim como, compreender como o acesso à informação e ao conhecimento poderiam e podem ajudar a desconstruir essa representação.

Investigar a historicidade de discursos repletos de representações e práticas de gênero são fundamentos das epistemologias feministas, que ainda tem por base o que Scott define como “um incessante questionamento” que nos coloca em movimento, “de objeto a objeto”. Ainda de acordo com a autora, é essa “a maneira com que a paixão do espírito crítico feminista se mantém viva” (Scott, 2024, p.67). Este espírito crítico fundamenta a história escrita sobre as mulheres e contribui para que ela seja um meio para transformação social e emancipação feminina.

Referências Bibliográficas:

CAMPOS, A. L. V. de; NASCIMENTO, D. R. do e MARANHÃO, E. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, vol 10 (suplemento 2): 573-600, 2003.

DANTAS, Jurema Barros. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 3, p. 563-580, Set./Dez. 2009.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma possível história do sorriso: institucionalização, ações e representações*. São Paulo: Hucitec, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PATOU-MATHIS, Marylène. *O homem pré-histórico também é mulher: uma história da invisibilidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDEIROS, Kênia E. G.

Coluna "Ciência e Medicina": conhecimentos científicos no Jornal das Moças no contexto de liberação da pílula anticoncepcional (1960-1961)

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla Pinsky (orgs.)10.ed. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: BASSANEZI, Carla Pinsky; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. *A fantasia da história feminista*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2024.

SILVA, Cristiane Vanessa da. *Histórias de utilização de pílulas anticoncepcionais no Brasil, na década de 1960*. 2017. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências)- Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2017.

Internet:

<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em 10 de fev.de 2025.

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>. Acesso em 13 de fev. de2025.

<https://www.fcc.org.br/repositorios/trabalho-mulheres>. Acesso em 09 de fev.de 2025.

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sus-distribuiu-mais-de-22-milhoes-de-contraceptivos-em-2024/> Acesso em 01 de mar.de 2025.

<https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/1946-falta-de-informacao-e-uso-incorreto-de-metodos-anticoncepcionais-tem-impacto-direto-no-planejamento-familiar> Acesso em 08 de mar. de 2025.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/mulheres-assinam-72-dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil> Acesso em 05 de mar. de 2025.

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41056-populacao-do-pais-vai-parar-de-crescer-em-2041#:~:text=Destaques,1%2C57%20filho%20por%20mulher>. Acesso em 27 de fev.de 2025.

Submetido em: 14/03/2025

Aceito em 23/05/2025